

ROBERTO PONTES

Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros: Fortaleza, 04.02.1944.

Mestre em Literatura Brasileira pela UFC (1991), Professor de Literatura Portuguesa na UFC.

Colaborador da imprensa de Fortaleza, das revistas *Vozes*, *Tempo Brasileiro* e *Encontros com a Civilização Brasileira* do Rio de Janeiro, e do *Suplemento Literário Minas Gerais*.

Sócio da Associação Brasileira de Literatura Comparada-ABRALIC e da UBE.

DO AUTOR

Contracanto. (poesia) Fortaleza SIN ed. 1968.

Lições de espaço. (poesia) Fortaleza, Imprensa Universitária, 1970. Prêmio da UFC.

Vanguarda brasileira: Introdução e tese (ensaio). Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, set. 1970. Prêmio Esso-JL.

Memória Corporal (poesia). Rio de Janeiro, Antares, 1982.

Temporal (sete poemas). *Revista O Saco*, nº 5. Fortaleza, 1976.

Quatro poemas de Natal (poesia). Fortaleza, SIN ed., 1977.

Quatro poemas de amor (poesia). In: *Jornal de Cultura Fortaleza*, Ed. U. F.C., 1990.

Os ausentes (poema). Traduzido para o francês sob o título *Les absents*, pelos monges do Convento de La Tourette, Lyon, France e inserido no *Dossiê Tito*. Lyon, Anistia Internacional, s/d.

SOBRE O AUTOR

AIRES FILHO, Durval. O erotismo poético em *Memória Corporal*. Fortaleza: *Diário do Nordeste*, 24 jun. 1984.

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: ACL, 1976.

BARROSO, Antônio Girão. Roberto Pontes e seu *Contracanto* (E por aí vem mais). Fortaleza: *Correio do Ceará*, 17 ago. 1968.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. (Dir.) *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/FAE, 1990.

- D'ALGE, Carlos Neves. A verdade do corpo. In: *Memória Corporal*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- FÉLIX, Moacyr. O verbo se encarna em Fortaleza, *O Povo*, 18 out. 1987.
- GIRÃO, Raimundo, SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da literatura cearense*. Fortaleza: IOCE, 1978.
- HELENA, Lúcia. Sutil tecido de sal e concha. In: *Memória corporal*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- LYRA, Pedro. Prefácio. In: *Contracanto*. Fortaleza: SIN, 1968.
- _____. Poesia e libertação em RP. In: *Poesia cearense e realidade atual*. Rio de Janeiro: Cátedra/INL/MEC, 1981.
- _____. Memória do amor. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 5 set. 1982.
- _____. O resgate do desejo. In: *O real no poético*. v. 2. Rio de Janeiro: Brasília, Cátedra/INL, 1986.
- MACEDO, Dimas. Memória corporal. *Diário do Nordeste-DN Cultura*, 28 fev. 1983.
- _____. O resgate do corpo. In: *Leitura e conjuntura*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1983.
- MONTENEGRO, Pedro Paulo. O ser do poema. Fortaleza, *Jornal de Cultura*, UFC, nº 11, 1983.
- PAPI, Luiz F. O depurado discurso de *Memória Corporal*. João Pessoa: *Correio das Artes*, 5 dez. 1982.
- PINTO, Alcides. Os poetas novos do Ceará. Fortaleza, *Unitário*, 26 jan. 1969.
- _____. Ressurgências e Memória Corporal. Fortaleza, *Diário do Nordeste - DN CULTURA*, 5 jun. 1983.
- _____. *Política da Arte* v. 2. Fortaleza: BNB, 1986.
- SOUZA, José Helder de. Dois poetas. Brasília: *Correio Brasiliense*, 22 maio, 1983.
- SPÍNOLA, Adriano. Literatura no Ceará. *Diário do Nordeste- DN-CULTURA*, 16 jan. 1983.

CONTRACANTO

Estou em meu poema
 como os amantes se estão.
 Moro nas vogais e consoantes
 circunflexos
 ós e zizes cantantes

Éstou nos casebres tristes
 da imaginação
 Sou nas quase
 vírgulas de ouro
 que faço sem porquês.

O alfabeto habito
como me moram
muitas vezes muitas
meu coração.

LAMENTO DO RIO RAIVOSO

Essa água
onde um tronco vai
não é água.
É sangue.
Esse rio que corre
não é rio.

É rei coroado de pontes.

Essas conchas
que servem de leito
não são ostras.

São ossos trazidos dos mangues.

Essa nascente do Cocoló
só pode ser dois olhos
muito grandes
chorando a vida toda
por ter nascido rio
e não fuzil.

(Contracanto)

MEMENTO A MANUEL BANDEIRA

a estrela de cinco pontas
cinco facas afiadas
ou catavento de flandres
a retalhar o espaço

a estrela de cinco gumes
cinco giletes cortantes
ou lixas de lima rala
a esmerilar seu redor

a estrela de cinco faces
cinco aspas eriçadas
ou xiquexiques crivados
nos arremates dos nimbos
a estrela de cinco fios
cinco serras amoladas
ou raspadeiras nervosas
cuspindo luz na piçarra

TELETIPO 1957

hoje eclodiu a chama
o oriente cavalga o cosmos
seu cavalo sputnik
vai sem chouto
a 7 mil km por segundo
rompe a barra magnética
o cinto atmosférico
abre a cortina do espectro
e proclama nova era

FINITO/INFINITO

cavalgar na luz
cavalgar na luz

retorno ao rio do tempo
onde a vida cresce e diminui
o meu transporte é a velocidade
e sou um rei
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz
sou imortal e tudo sei
faço parar meu corpo no espaço
controlo a vida na velocidade
sou cavaleiro
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz
bebo verdes ondas de energia
há um sol diverso em minhas veias
pois reconheço meus ecos de origem
e a minha voz
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz
sou imortal e tudo posso
até mesmo lançar o maior passo
ou retornar ao ponto donde vim
ou nem sequer saber se vivo ou se morri

a cavalgar na luz
a cavalgar na luz

(Lições de Espaço)

ANIMAIS ENTERNECIDOS

Amamos,
animais enternecidos,
a coisa mais próxima
da mão.

E
a ela nós perdemos
por deslembrar que o amor
não é nada.
Amamos e perdemos.
O meu primeiro verso foi:
Amamos.

SE A ESMO A APATIA TE ACUDIR

Se a esmo a apatia te acudir
e a casa ficar triste e desbotada
será preciso lembrar a aflição
de quem te pensa e sempre silencia.

E quando a minha ausência sufocar
teu ser, sem lenitivo,
urge saber que assim eu te maltrato
e sofro longe esta dor comum.

Quando a solidão fingir que te domina
e a vida parecer um desespero,
bom é que penses apenas no tesouro
contido ali no coração que ama.

Mas se nada suplantará a minha falta,
estejas certa que não sou teu deus,
certeza tenhas que não sou o sol,
porque navego os mesmos sentimentos.

EPITÁFIO

Aqui jaz o amor um dia dito
só de beijos e flores viveria.
E não morreu por falta de sustento,
ardor e sonho, pois estes vivem sempre
ao jugo seco da crua existência.
Deixou de haver o sopro simples,
o desejo de ser o conivente,
o comparsa do outro na paixão
que a vida faz ruir devagarinho.
Quem esta morte de bom grado aceita
quer deixar escrito na memória,
na verdade indestrutível de um poema,
o seu perdão, o seu adeus, o seu soturno desamparo ausente.

(Memória Corporal)

OS AUSENTES

ao Frei Tito

Os ausentes necessitam sempre
bilhetes, cartas e coisas
vezes pequenas lembranças
uma gravata, um poema, um postal.

Os ausentes são tão necessitados
que ninguém os lembra
nem só por saudade ou falta.

Os ausentes têm mãos invisíveis
e figura tão diáfana
que os versos para eles
já nascem feitos poemas.

Os ausentes por qualquer acaso
jamais fogem ao nosso convívio
ainda que a distância seja tanta.

Dos ausentes fica sempre um sorriso
como as pinturas recheias
de surpresa, reencontro e irreal.

QUANDO O VENENO

a Moacyr Félix

Se não tens dignidade
tu serves a qualquer um.
Tanto faz que seja ao néscio
quanto ao fero ditador.
Tanto faz que seja ao próprio
ou qualquer de seus vassallos
pois há mil formas distintas
de vender e de comprar.
Em todas vem o veneno
com seus destilos mortais.

Quando o veneno é poder
então ele é servido
em bandejas de ouro e prata.
Assim se disfarça o mal
que vai ganhando as entranhas.

E é sabido que o poder
infeta somente a quem
numa vaidade consente.

Mas a ter dignidade
se se tem roteiro certo

não haverá concessão
pois o longe é sempre longe
e distingue bem miragens.

A salvação não virá
para quem servir negando
as forças do temporal
e o céu que cobre o mundo.

Quando o veneno restar
um dia subvertido
serão bandejas de barro
cozidas por mão de homem
que servirão a verdade
pra desespero do mal!

Aí, se não tens dignidade,
por favor, recolhe a mão!

INCITAÇÃO À VERDADE

Companheiro, põe algo maior em tua vida.
Contorna a cordilheira de perigos
e o vulcão de vãos desejos.
Não deixa a saudade te curvar
nem tomba nas menores das fraquezas.

Há que pensar e, sobretudo,
na estrela dentro da estrela
ou na frágil luz da vela
que a luzir treme e resiste.

Companheiro, se puseres
algo assim em tua vida
não valerá a tormenta
a pele será couraça
e os acenos fraternos
virão dos braços dos campos
dos que voam sem ter asas
dos que pescam pelos mares.

(Verbo Encarnado, inédito)

TEMPO DO FUI

I

Fui uma invenção do sortilégio
exercido sobre saís da natureza.
E onde havia o pó
vingou a chama
uma gota sumarenta
de energia.
Era o próprio tempo a gerar-se.
Assim se abre um botão de rododendro.

II

A vida começa órfica
no macio agasalho de veludo;
num cofre
recôndito e lacrado
onde faz-se a invenção do sortilégio.

TEMPO DO SOU

I

Sou da existência o processo
delimitado e em curso
entre os extremos.
Estou em dúvida constante
se existo ou não
me processando.

II

Em mim vai o solista,
o telepata agreste,
que tange seus haveres
como dardos.
E me mantenho
como irmão das horas
e sou, da existência, o processo.

TEMPO DO SEREI

XVIII

O meu ortônimo
será inconfundível.
Um signo qualquer
bastante expresso.
Serei a igualdade dos contrários.
Serei então o ânimo do mito.

XIX

Serei no verso a sílaba encantada
o próprio som
a invadir o tempo:
o singular portal
que só transpomos
com o cessar, o fim
do tempo único.

(Tempo Único, inédito)

POEMA DE OFERTA

Que pode o sapateiro dar de melhor
ao amigo, no dia do seu aniversário?
E o pescador, hesitaria em dar-lhe peixes frescos?
E o lavrador, os cajus que então plantara?
O artesão daria um cesto ou uma talha.
A bordadeira, seu tecido de alvo fio.
O vinhateiro, moringa cheia de vinho
E a floreira, o mais formoso ramallete.

Que posso dar a ti no teu aniversário?
Ouro? - Mas eu não sou garimpeiro.
Roupas? - Também não sou alfaiate.
Aves? - Um dia fui passarinho.

Algo de mim é o que vou dar-te
Pelas mãos padecentes
Dos que sustentam a vida.
Pelas mãos sagradas
Dos mais anônimos operários.

Dou-te, meu amigo, minha amiga, um poema,
Que este é o meu trabalho.

(*Inventário Gris, inédito*)

CANTIGA

*Os mais desesperados são
os mais belos cantos. MUSSET*

Até Cecília
que se encantava
morreu.

Por que um dia
também não morro eu?

Até Cecília
que de beleza
padeceu
e não desejou mais nada
arrefeceu.

Onde Cecília
seus olhos de estampa
ela escondeu
após os *Cânticos*
que prometeu?

Até Cecília
ave encantada
feneceu.

Por que de dor talvez
quem sabe não morro eu?

SONETO PARA CRER

Eu, para não morrer, vivo acordado.
São muitas as maneiras de viver.
E entre os dois extremos tenho ao lado
aquela que não cansa de me haver.

Pois estamos, assim, posto na vida
igual à flor nascida para ser.
Mas, se se abre em nós qualquer ferida
melhor é ignorá-la, se doer.

Onde o mistério se a vida é vida?
Por que dormir suspenso no enfado
se à vida tenho a força devotado?

Egressos lá do céu me vêm anjos
aconselhar que sejam consumidas,
ao mesmo tempo, as flores e as feridas.

POESIA E LIBERTAÇÃO EM ROBERTO PONTES

PEDRO LYRA

Um dos temas mais problemáticos da teoria literária contemporânea é a sobrevivência do épico. Dada a natureza por essência histórica deste gênero, creio que o problema não pode ser questionado antes de colocado num determinado tempo. Deste modo, a falência e/ou apogeu do épico se encontram vinculados à existência/inexistência de grandes acontecimentos sociais que, numa certa fase da história humana, ofereçam ou não temas de conteúdo épico.

Por que a Antiguidade e o Renascimento foram tão fecundos neste gênero? Simplesmente: pela ocorrência, nessas épocas, de fatos sociais de grandes implicações humanas de sentido universal. Aplicada a tese ao momento presente, o problema se resolve: não foi o épico que morreu como gênero literário, mas um certo épico de linguagem inadequada ao nosso tempo, um épico de conceituação sedimentada nos limites de uma estética restrita ao ideário clássico - o pomposo e solene épico de Homero, Virgílio, Camões, próprio para as sociedades que o geraram e consumiram, como só elas poderiam gerá-lo e consumi-lo.